

O homem enquanto formador do mundo: a influência de Martin Heidegger no pensar filosófico de Charles Taylor

*Maristela Valéria da Silva¹

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade destacar em que medida a influência do pensamento heideggeriano acerca da pergunta, “O que é mundo? ”, amplamente debatida em sua obra: *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*, nortearam o pensamento da filosofia comunitarista de Charles Taylor acerca do conceito de Identidade. Para melhor compreensão, o trabalho foi dividido em duas partes, nas quais verificamos, individualmente, o pensamento de cada autor, para que pudéssemos melhor visualizar em que momento o pensar filosófico taylorista se encontra com o filosofar do pensador da Floresta Negra. Desta forma, pudemos constatar que, no pensamento de ambos, somos seres situados e estamos sempre em relação e, é o contexto situacional que nos joga para frente como um projeto aberto a novas possibilidades, a realidade do mundo nos constitui e nos possibilita enquanto sujeitos formadores de mundo.

Palavras-chave: Mundo. Projeto. Identidade.

1. A Visão heideggeriana do homem enquanto formador de mundo

O conceito de mundo² (*Welt*) é um dos temas fundamentais na filosofia heideggeriana. Com o objetivo de inquirir o fenômeno do mundo e evidenciá-lo comparativamente, Heidegger, nos *Conceitos fundamentais da metafísica*, interpreta o modo de ser da vida.

Trataremos com a concisão necessária, para um artigo de poucas páginas, o pensar filosófico de Martin Heidegger acerca do conceito de mundo, buscando com isso, verificar e entender como o autor elaborou e trouxe à baila, por meio de três teses este conceito de mundo, a saber: 1. “A pedra (o material) é sem mundo”; 2. “O animal é pobre de mundo”; e 3. “O homem é formador de mundo”. Com a elaboração destas três teses o filósofo de forma comparativa distingue o modo de ser do homem como existência, do modo de ser do animal como vida, diferindo do percurso de sua principal obra *Ser e Tempo* na qual o fenômeno do mundo foi caracterizado e realizado fenomenologicamente acerca do modo como o homem movimenta-se cotidianamente em seu mundo (HEIDEGGER, 2006, p. 206).

A tese intermediária, “O animal é pobre de mundo” abre as discussões sobre o conceito de mundo heideggeriano, em sua já supracitada obra: *Conceitos fundamentais da metafísica*, na

¹ Mestranda em filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista Institucional Parcial (FAJE). Especialista em Ciências da Religião pela PUC Minas (2014). E-mail: maristelavaleriadasilva3@gmail.com.

² “O conceito de mundo em Heidegger não é uma coisa, nem o conjunto de coisas, mas o que significam as coisas para cada um”. (MAC DOWELL. 2021).

qual ele afirma que: “Todo e qualquer animal, toda e qualquer espécie de animal é tão plena quanto outra” (HEIDEGGER, 2006, p. 206), deixando claro que o discurso da pobreza de mundo e da formação de mundo não deve ser tomado no sentido de uma ordem de valores depreciativa. Quando ele afirma que “O animal *é pobre de mundo*” e que “o homem *é formador de mundo*”, o que ele nos deixa a entender é que esta diferença se dá em níveis ontológicos, e não em níveis de plenitude na posse do ente respectivamente acessível, de acordo com Susiane Kreibich

O modo de ser do animal, que denominamos “vida”, permite que ele tenha acesso ao que está ao seu lado, quer dizer, ao meio no qual se encontra. Ser pobre de mundo não significa não possuir nada ou menos do que o outro. O animal possui o seu mundo ambiente, com o qual se conecta. O animal está, porém, encerrado em seu mundo, uma vez que este não se amplia nem se estreita. O acesso ao ente se dá de maneira diversa (SUSIANE KREIBICH, 2017, p. 8).

Para Heidegger, o animal, ainda que, com limites estreitos, possui mundo³, diferindo do material “pedra” que segundo seu pensar, no que tange o conceito de mundo, ela, a pedra, não o possui.

O animal e o seu modo de ser, ou seja, sua “vida”, permite com que ele tenha acesso ao mundo sensível que o rodeia e no qual ele está inserido, mas por suas limitações cognitivas ele não é um agente transformador e, portanto, não é capaz nem de ampliá-lo e nem de estreitá-lo, o que não significa que ele não possui nada, ele possui e, é capaz de se conectar com o seu mundo ambiente ainda que, de maneira “pobre”, como nos sinaliza (HEIDEGGER, 2006).

O modo de ser de uma coisa (material) como a “pedra” é, pois, sem mundo, uma vez que a pedra é incapaz de entrar em contato com qualquer outro ente do mundo sensível, mesmo que este contato seja de maneira pobre, como por exemplo o tatear dos animais. Para Heidegger, a essência da pedra é a ausência de acesso, o que a caracteriza como um material desprovido de mundo. A pedra é.

Após verificarmos de maneira bastante sucinta os conceitos postulados por Heidegger em sua tese intermediária acerca da pobreza de mundo do animal e da primeira tese que é, ausência de mundo da pedra (material), chegamos à sua terceira tese, que é onde ele busca justificar a afirmação: “o homem *é formador de mundo*”.

A partir da pergunta “o que é o mundo?”, e como ele é?, Heidegger chega à conclusão de que o homem atua de maneira expressiva na formação deste mundo, surgindo assim, a sua terceira tese: “O homem *é formador de mundo*”. Não podemos perder de vista alguns caracteres

³ Cf. HEIDEGGER, M. Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 230.

que são importantes do fenômeno do mundo, “1. a abertura do ente enquanto ente; 2. o ‘enquanto’; 3. a ligação com o ente enquanto o deixar e não-deixar-ser, o assumir uma atitude em relação a... a postura e o caráter de si-próprio (ipseidade).” (SUSIANE KREIBICH, 2017, p. 8).

O pensar heideggeriano com relação ao mundo parte da cotidianidade, pois segundo o filósofo onde quer que o mundo se dê, aí está o ente manifestado (HEIDEGGER, 2006), o que fica claro em Heidegger é que, quando ele se pergunta pela formação do mundo ele se pergunta pelo homem e pelo seu modo de ser, constatando que somente sobre o fundamento de formador de sua realidade ele, o homem, pode existir, e o mundo é essa abertura, ou seja, “mundo é a abertura do ente, enquanto tal, na totalidade” (SUSIANE KREIBICH, 2017, p. 8). Destarte, o ente abre com a perspectiva da “existência” horizontes fecundos de compreensão de si mesmo na “sua historicidade constitutiva” (MAC DOWELL, 2006, p.12).

Para o autor da Floresta Negra o homem, como dissemos anteriormente, está sempre situado e está sempre em relação e existe na modalidade de projeto, projetar é abrir-se para novas possibilidades pois o mundo se forma no acontecimento do projeto. Nada é fixo e nada está determinado, existem as possibilidades para o qual o *Dasein* deve continuamente se projetar. O homem cria o mundo em sua abertura radical, que é a sua liberdade, podendo modifica-lo.

O homem por estar sempre situado, sempre em relação se encontra sempre dentro de um *Ethos*, portanto a sua constituição não acontece isoladamente, ela se dá por meio das diferenças, é a partir da relação com o diferente de si mesmo, o homem, se entende e se constitui. De acordo com (HEIDEGGER 2006)

O Dasein é o ente que irrompe para o ser, possuindo assim, um modo próprio distinto dos demais. O Dasein é o ente que existe, isto é, “que ele é na essência de seu ser um movimento para fora de si mesmo, sem, porém, abandonar a si. O homem é aquele não-poder-permanecer, e, no entanto, não-poder deixar o seu lugar. ” Ao se projetar, o Dasein se joga constantemente à possibilidade. Assim, o Dasein é e se constitui em meio à jogada. (HEIDEGGER 2006, p. 418)

Desta forma o homem está sempre projetando a vida, vivendo a realidade no tempo presente, mas sempre projetando o futuro.

2. Liberdade e Identidade no Pensar Filosófico de Charles Taylor

Para fins didáticos, ao iniciarmos nossas discussões acerca do pensamento taylorista, faz-se necessário localizar onde o seu pensar filosófico se localiza, para tanto, torna-se mister informar em qual quadro teórico sua filosofia se enquadra.

Charles Taylor é um filósofo canadense, diretamente envolvido com a temática do reconhecimento das identidades, seu pensamento coaduna com a corrente filosófica comunitarista juntamente com autores de grande envergadura, tais como Alasdair MacIntyre, Michael Walzer, Michel Sandel, Axel Honneth, entretanto existe uma particularidade em Taylor que o diferencia dos demais pensadores desta corrente filosófica, que é importante citar, ainda que de forma sucinta, Charles Taylor, ainda que alinhado com o pensamento comunitarista se difere dos demais pensadores desta corrente por não criticar severamente a modernidade; ele assume uma posição moderada acerca desta espinhosa temática, ou seja, “sua filosofia moral não se posta no cenário filosófico atual como uma detratora da modernidade” (DECOTHÉ JR, 2016, p. 4)

Em uma de suas principais obras: *As Fontes do Self a construção da identidade moderna* (1994), Taylor propõe, tendo em vista o pensamento ocidental, um projeto de análise e reconstrução do *Self*, pois para o autor o *Self* e moralidade assumem relações indissociáveis. Constituir a identidade, assim como constituir o *Self*, no pensamento taylorista, se dá em múltiplas instâncias narrativas dentro de uma comunidade, pois como nos afirma Ribeiro (2012)

O indivíduo entendido monadicamente, como um self desprendido, isolado das manifestações de sua existência é propriamente uma abstração. O ser humano está numa complexa rede de relações com os outros, com a natureza e com a cultura. ” (RIBEIRO. 2012, p. 39)

Para Taylor nossas escolhas são sempre encarnadas contextualmente, porém, essa encarnação não nos impede de escolher. Entretanto, a nossa liberdade se mistura com a liberdade contextualizada. Para o autor somos seres situacionais, o contexto e a situação são os que nos joga para frente como um projeto, como sujeitos de possibilidades, comungando com o pensamento de Martin Heidegger “que o homem é formador de mundo” (HEIDEGGER, 2006).

Para Taylor a situação e o contexto assumem importância ímpar em nossa formação identitária, pois à medida que vivemos e nos relacionamos uns com os outros, acontece o que ele chama de “fusão de horizontes”, ou seja, o nosso mundo se amplia a partir do momento em que minha cultura entra em contato com a cultura do outro. Destarte, o nosso mundo se amplia

e ao mesmo tempo vai se generalizando, como função do humano, e particularizando em minha existência e “ao mesmo tempo generaliza e particulariza tudo aquilo que visa e não poderia ser integral” (MERLEAU-PONTY. 1999, p. 610)

As escolhas sempre são feitas a partir de um estado de coisas, sendo assim “as escolhas que fazemos em nossa vida sempre têm lugar sobre a base de um certo dado” (MERLEAU-PONTY. 1999, p.610-611), desta maneira, o processo de formação humana vai se delimitando, fazendo com que nossas escolhas não sejam feitas soltas na realidade, afinal a “gêneses do espírito humano é, nesse sentido não monológica, não algo que cada pessoa realiza por si mesma, mas dialógica” (TAYLOR. 2014, p. 246).

As escolhas que fazemos no decorrer de nossa vida, sofrem interferências seja da família, da religião ou de nossas ideologias. Somos seres livres, porém direcionados a partir do meio em que estamos inseridos e, é neste meio que realizo a minha liberdade, assim, a nossa liberdade não se desvincula de nossa realidade e, é por isso, nossas escolhas estão encharcadas de outras situações.

Descobrir a identidade como nos afirma Taylor

...não implica uma produção minha de minha própria identidade no isolamento; significa que eu a nego por meio de diálogos, parte aberto, parte interno, com o outro. Eis porque o desenvolvimento de um ideal de identidade gerada interiormente dá uma nova importância ao reconhecimento. Minha própria identidade depende crucialmente de minhas relações dialógicas com os outros (TAYLOR. 2014, p. 248).

O que se pode perceber a partir deste excerto em que Taylor evidencia o quão importante são os fatores periféricos para a formação de nossa identidade pessoal, ou seja, o nosso local de nascimento, o nosso rosto, o nosso nome, as particularidades vivenciadas em nosso contexto social constituem nossa historicidade e nos particulariza, tornando-nos únicos, desta maneira o outro é parte constitutiva de minha identidade, mas não se confunde comigo, a “identidade designa algo como uma compreensão de quem somos, de nossas características definitórias fundamentais como seres humanos (TAYLOR. 2014, p. 241).

2.1 A Influência de Martin Heidegger no Pensar Filosófico de Charles Taylor

Toda temática supracitada, presente na obra heideggeriana: “Os Conceitos Fundamentais da Metafísica”, curso de 1930, no qual Heidegger postula que o homem é sempre situado, está sempre em relação e existe na modalidade de projeto, nortearam o pensamento da filosofia comunitarista de Charles Taylor acerca do conceito de liberdade e identidade.

Na visão heideggeriana o mundo se apresenta no plano do curso em questão como momento estrutural do ser-no-mundo. Tanto Heidegger, quanto Taylor postulam que somos seres situacionais e, por isso, a historicidade é tema caro para ambos, pois ela nos identifica e nos faz únicos dentro de uma comunidade.

Vimos que na perspectiva heideggeriana, o homem se auto interpreta lançando-se para o futuro, em uma abertura de possibilidades. Assim, ele cria o mundo em sua abertura radical, podendo modificá-lo. Mas não podemos perder de vista, que este homem é livre para escolher, ele se encontra dentro de um *Ethos*. Por isso, sua constituição não acontece isoladamente; ela se dá por meio das diferenças e são estas diferenças que constituem a sua história, da qual emerge o sentido autêntico do ser.

Essa visão de Heidegger, de que o ser do homem não se constitui isoladamente se encontra com o pensamento de Charles Taylor, na medida em que, ele, também entende que a liberdade de todos se configura em nossa vida particular, abrindo novos horizontes e ampliando o nosso mundo particular. Nascemos em um mundo que já está dado, desta forma, “nascer é ao mesmo tempo nascer do mundo e nascer no mundo” (MERLEAU-PONTY. 1999, p. 608), e este mundo, por já estar pronto, te dá um estilo, uma direção e te delimita em alguns pontos. Mas no pensar filosófico de Charles Taylor, continuamos abertos a novas escolhas, mesmo que estas escolhas sejam encharcadas de diferentes situações.

3. Considerações finais

O objetivo central desse breve trabalho foi trazer à baila o conceito taylorista de identidade e liberdade, no qual observamos e evidenciamos, como a formação destes conceitos se entrelaçam com o pensar filosófico Martin Heidegger acerca da pergunta: “o que é o mundo?”, amplamente desenvolvida em sua famosa obra: *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão* (2006). Para melhor compreensão, o trabalho foi dividido em duas partes, nas quais verificamos, individualmente, o pensamento de cada autor, para que pudéssemos melhor visualizar em que momento o pensar filosófico taylorista se encontra com o filosofar do pensador da Floresta Negra.

Sabemos que dissertar sobre o pensamento de Martin Heidegger, não é tarefa fácil, é navegar por águas turvas, por assim dizer. Porém nesta primeira parte do trabalho, de maneira concisa nos aventuramos por estas águas para apresentar o conceito de mundo sob a ótica deste pensador. Para tanto partimos da elaboração das três teses: 1. “A pedra (o material) é *sem mundo*”; 2. “O animal é *pobre de mundo*”; e 3. “O homem é *formador de mundo*”, teses estas,

que ele formula para explicar o seu conceito de mundo, e chegar à conclusão de que o homem é um ente que se relaciona com o mundo sensível, de maneira diferenciada, tanto do animal que segundo ele “é pobre de mundo” quanto da pedra (material) que é “sem mundo”, pois o homem tem a capacidade de projetar-se a partir de seu ser-no-mundo.

Na segunda parte do trabalho dissertamos sobre o conceito de liberdade e identidade em Charles Taylor, para o autor somos seres situacionais e temos uma narrativa que nos constitui e contribui para a formação de nossa identidade. Logo em seguida analisamos os pontos de encontro entre o pensador da Floresta Negra, Martin Heidegger, e do pensador Comunitarista, Charles Taylor. Pudemos perceber que no pensamento de ambos, somos seres situados, que estamos sempre em relação e, é o contexto situacional que nos joga para frente como um projeto aberto a novas possibilidades, a realidade do mundo nos constitui e nos possibilita enquanto sujeitos formadores do mundo.

REFERÊNCIAS

DECOTHÉ JR. J. F. **O Bem e o Si Mesmo: A Construção da Identidade do Agente Moral em Charles Taylor**. Clareira. Revista de Filosofia da Região Amazônica. Volume 3 Número 1 – jan. - Jul. / 2016

HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KREIBICH. S. **O HOMEM É FORMADOR DE MUNDO: MUNDO COMO CONCEITO METAFÍSICO SEGUNDO MARTIN HEIDEGGER**. Intuitio ISSN Porto Alegre Vol.10 – N°.1 .Julho 2017. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.15448/1983-4012.2017.1.27219>. Acesso em 21/06/2021.

MAC DOWELL. J. A. **O conceito de mundo em Heidegger**. Belo Horizonte. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), 2021. Entrevista concedida a Maristela Valéria da Silva.

MAC DOWELL. J. A. **A busca pelo sentido do ser**. IHU online. www.unisinos.br/ihu. São Leopoldo, 3 de julho de 2006.

MERLEAU-PONTY. **M. Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RIBEIRO, E. V. **ÉTICA NA FILOSOFIA DE CHARLES TAYLOR**. Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume 04 - Número 09 - Ano 2012 | ISSN 1984-9052

TAYLOR, C. **Argumentos Filosóficos**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

TAYLOR, C. **As fontes do self: a construção da identidade moderna.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Dinah de Abreu Azevedo. 4^a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.